



SINERGIA

Número 1721
17/11 a 15/12/2023



Sinergia Campinas - filiado em 1988
Sinergia Gasista - filiado em 1989
Sinergia Prudente - filiado em 2005
Sinergia Sindergerl - filiado em 2006
Sinergia Bauru - filiado em 2009
Sinergia Mococa - filiado em 2012
Sinergia Araraquara - filiado em 2016
Sinergia SJ Rio Preto - filiado em 2017
Sinergia CUT - filiado em 12/12/99

Serviço essencial
Sindicato indispensável

Sindicato dos Trabalhadores Energéticos do Estado de SP
www.sinergiaspcut.org.br

20 de novembro - Dia da Consciência Negra

Resistência, resistência já



Foto: Isabelle Andrade

A frase faz parte da letra da música “Resistência”, uma das faixas que dá nome ao primeiro EP da banda Pretas & Pretos, formado no Instituto Anelo, que há 23 anos promove inclusão pela música na periferia de Campinas. Os 15 músicos da banda têm em comum não só a excelência na prática da profissão que abraçaram, mas também histórias de racismo recorrentes. O lançamento do EP será nesta sexta (17), em todas as plataformas digitais.

Foram essas memórias de discriminação e de hostilidade sutil e persistente que motivaram os integrantes da banda a idealizarem e a concretizarem o lançamento do EP “Resistência”, produzido para o Dia da Consciência Negra, 20 de novembro. A data é uma referência à morte de

Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, um símbolo da luta e resistência dos negros escravizados no Brasil, bem como da luta por direitos que seus descendentes reivindicam.

“Resistência” foi composta por Maykel, nome artístico de Michael Charles Santiago, de 42 anos. Quando criança morou em uma casa de dois cômodos e banheiro no quintal, junto a 12 pessoas em uma invasão no Jardim Ipiranga. Menino pobre e preto, foi alvo de racismo na igreja que frequentava.

“Resistência é andar de cabeça erguida mesmo vendo caras e bocas, gente segurando bolsas ao passar por nós, e ainda assim lidar com isso com classe, elegância. Sei que não são todos assim, há brancos que detestam o racismo, mas é preciso

escolher lutar contra o racismo”, diz Maykel.

A própria história do Instituto Anelo se entrelaça a de seu fundador, o músico Luccas Soares, de 43 anos, que também é integrante e um dos idealizadores da banda Pretas & Pretos. Tudo começou na viela onde morava, em 1996, no Jardim Florence I, em Campinas. Sua paixão pela música na adolescência levou Luccas a profetizar o sonho da Banda Anelo. Desse embrião, nasceu o Instituto Anelo.

Entretanto, foi uma jornada difícil, para quem teve de economizar centavos para comprar seu primeiro teclado na juventude e iniciar seus estudos de música como autodidata. Esforço não só seu, mas de sua mãe, que muitas vezes deixou de se alimentar para que pudesse ter um

almoço decente. Segundo Luccas, a existência da banda Pretas & Pretos, formada há três anos, “não é uma felicidade, mas uma necessidade”. “Não ficamos felizes em ter de combater algo que não deveria existir (o racismo).” Apesar de ser um grupo “de excelência”, o grupo Pretas & Pretos é mais lembrado por organizadores de grandes eventos nas proximidades do Dia da Consciência Negra, e por isso também resiste à falta de incentivo. “O potencial do Pretas & Pretos é também para grandes festivais, como Rock in Rio e Lollapalooza. A ideia é ter material para tocar dentro de casa e nas casas de todos.”

A banda tocará no encerramento da 23ª Marcha de Zumbi dos Palmares em Campinas, neste 20 de novembro, às 12h, no Largo do Rosário.

Saiba mais sobre o Instituto Anelo

O Instituto Anelo é uma associação civil, sem fins lucrativos, formalmente constituída em maio de 2000, a partir do trabalho iniciado por jovens da comunidade do Jardim Florence I, distrito do Campo Grande, no município de Campinas, em 1997.

Instalado em uma área distante do centro da cidade e com graves problemas de estrutura urbana e grande população de baixa renda, onde as oportunidades de acesso à cultura e lazer

são muito escassas, oferece educação musical para crianças, adolescentes e adultos que moram nos bairros da região, com o objetivo de promover a cidadania e o desenvolvimento pessoal, social e cultural por meio da arte.

Desde a sua fundação, a organização já impactou mais de 10 mil pessoas, com aulas de música, acesso à cultura e formação de público. Em 2023, só no primeiro semestre a entidade atendeu a 932 alunos matriculados.

Raio-X do EP “Resistência!

Lançamento:
17 novembro de 2023

Local:
Plataformas de streaming:
Spotify, Deezer, Amazon Music,
Apple Music, Tidal, Youtube
Music

Músicas:
- Resistência (Maykel)

- **Tributo a Martin Luther King**
(Wilson Simonal e Ronaldo Bôscoli)

- **Carapuça** (Luccas Soares)
- **Deixa a senzala** (Luccas Soares)

- **SambAcolá** (Luccas Soares)

Participações:
Wilson Simoninha (Carapuça)
e Walmir Borges (SambAcolá)

Desigualdade, um grande desafio a ser superado

Dados do Pnad/IBGE e trabalhos do Dieese mostram como negros são segregados na questão econômica e como os avanços são tímidos

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estipulou por intermédio do seu censo oficial, encerrado neste ano, que 55,8% da população brasileira se autodeclara negra ou parda. São pessoas que possuem diversos desafios para encontrar espaço no mercado de trabalho, seja pelos obstáculos enfrentados na formação, seja na questão da equiparação salarial e de oportunidades.

Os números não mentem. Nos cargos gerenciais, os negros ocupam 29,5% das vagas contra 69% das pessoas brancas. No ano passado, o IBGE trouxe dados ainda mais alarmantes em relação à disparidade salarial enfrentada pelos negros e pardos. Avanços do poder de compra não são registrados desde 2012 e os números não são nada animadores. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (Pnad) Contínua, divulgada em agosto do ano passado,

os pretos ganham 40,2% a menos do que os brancos por hora trabalhada. Em 2012, essa diferença era de 42,8%. Ou seja, nada mudou.

Os pardos não escapam da desigualdade. Eles ganham 38,4% menos do que os trabalhadores brancos. Em média, pelos dados divulgados no ano passado, os brancos ganham R\$ 19,22; os pretos R\$ 11,49 e os pardos R\$ 11,84, por hora trabalhada. Traduzindo: os pretos precisam trabalhar quase 105,5 horas, enquanto os brancos 63 horas,

de acordo com os números apurados pelo PNAD no ano passado.

A desigualdade mostra suas garras para a população negra quando verificamos o impacto do salário mínimo no cotidiano dos trabalhadores e das trabalhadoras que se autodeclararam pardas e negras. Trabalho publicado em abril deste ano e de autoria do Dieese demonstra que, no ano de 2021, existiam 119,2 milhões de pessoas negras (pretas e pardas) no Brasil que recebiam rendimentos. Desse total, 34,7 milhões de pessoas foram impac-

tadas pelo salário mínimo. A quantia corresponde a 29,1% da população negra do Brasil. Desse total, quase 14 milhões de pessoas foram impactadas de forma direta e 20,7 milhões indiretamente.

Os não negros somaram, naquele ano, 93,4 milhões de brasileiros. Destes, 19,4 milhões de pessoas foram impactadas pelo salário mínimo. Este contingente representa 20,8% da população não negra do país. Desse total, 8,8 milhões foram impactadas de forma direta e 10,6 milhões indiretamente.

Salários exibem disparidades entre grupos

Negros e negras enfrentam um outro desafio no Brasil, que é a de superar o parco poder de compra de seus salários. De acordo com o trabalho do Dieese de 2022, em cima das estatísticas do PnadNAD/IBGE, uma mulher negra ativa no mercado de trabalho tem um salário médio de R\$ 1.715 enquanto que o homem negro recebe em média R\$ 2.142. Quando é verificado aquilo que é recebido pela população não negra, a disparidade fica estabelecida. A mulher não negra recebia naquele período, em média, R\$ 2.774. Já o homem não negro recebia em média R\$ 3.708.

No período pesquisado, a taxa de desemprego encontrava-se em 10,9% na população negra economicamente ativa e de 7,3% para a população não branca. Ao olhar especificamente para o quadro na região Sudeste, a desigualdade ganha cores ainda mais fortes. O salário médio das negras nos quatro estados do Sudeste, na média, é de R\$ 1.862 enquanto que os homens negros ganham R\$ 2.421. Na população não negra, o quadro é bem melhor: homens não negros ganham, em média, R\$ 4.085 e mulheres não negras recebem R\$ 3.012. Existe um longo caminho para ser percorrido.

Saúde da população negra é prioridade

Com a chegada do novo governo ao Palácio do Planalto, uma nova tarefa foi determinada, que é a expansão e aplicação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN). Por enquanto, os números são preocupantes. De acordo com relatório divulgado no mês de outubro pelo Ministério da Saúde, no ano de 2018, 1.550 cidades (27,8%) declararam ter incluído em seus planos municipais de saúde ações previstas na PNSIPN. Em 2021, esse número subiu para 1.781 (32%), um pequeno aumento de menos de cinco pontos percentuais (p.p.). Porém, o relatório demonstra que ape-

nas 686 localidades deram continuidade à política de 2018 para 2021. Ou seja, somente 12,3% dos municípios brasileiros declararam possuir ações da PNSIPN em ambos os anos dos inquéritos do IBGE.

"(...) Em outras palavras, o processo de implantação da PNSIPN tem encontrado entraves, com idas e vindas (...)", diz trecho do relatório. O mais preocupante: 52,5% dos municípios não adotaram a PNSIPN em nenhum dos momentos das pesquisas realizadas pelo IBGE, sendo que há enfermidades com maior prevalência nessa população, como a doença falciforme.



Foto: Tânia Régo/Agência Brasil